

# CONGRESSO ACADEMICO

PUBLICAÇÃO MENSAL

REDACTORES:

Gaspar Menezes (Redactor-Chefe)—Rodrigo Costa (Redactor-Secretario)—Newton Burlamaqui (Redactor-Gerente)  
Laudelino Baptista, Augusto Aristheu e Paulo Amaral

CAPITAL  
TRIMESTRE ..... 2\$000

Recife, 14 de Julho de 1897

FORA DA CAPITAL  
TRIMESTRE..... 2\$500

## CONGRESSO ACADEMICO

### Esboço Biographico

Hoje que o corpo redaccional d'esta revista tem a intima satisfação de dar em sua primeira pagina a photographia de nosso querido mestre Dr. Clovis Bevilaqua, que gentilmente ha laureado as suas columnas com essa clarificadora luz scientifica de que é genialmente dotado, impossivel me foi solicitar escusa e com especial agrado aceitei a honrosa missão de traçar, ainda que ligeiramente, algumas considerações sobre a vida litteraria do jovem sabio, conscio muito embora da minha incompetencia e do grande desenvolvimento que demanda tão interessante assumpto.

Quando iniciei-me preparatorio em meu estado natal, já o nome de Clovis Bevilaqua recuava n'aquellas longinquas paragens de pár com os de Martins Junior, Arthur Orlando e Clodoaldo Freitas, lucidos pharões que orgulhavam o corpo dicente de nossa Faculdade em 1881.

Os academicos que annualmente visitavam as suas familias em meu estado, eram satellites e entusiastas, fervorosos d'estes quatro astros de maior grandeza e não se poupavam de exaltar, á fina flôr litteraria da florescente cidade de Therezina, a intellectualidade d'esses missionarios da sciencia, collaboradores com Tobias Barreto—a estrella cuja projecção visava attingir a incognita da sciencia, na invicta obra da renascença de nossas lettras patrias.

Anizio d'Abreu, Hygino Cunha, Cesar Rego, festejados talentos, eram então como que «enormissimos phonographos» onde se gravavam as novissimas theorias d'esta pleiade selecta que desapiedadamente levava ás hostes inimigas o lethal golpe das theorias bolorentas.

Mais tarde, após assignaladas campanhas scientificas, os companheiros de Clovis se deixaram sopitar pelas tendencias mesologicas, cuja feição predominante é o *partidarismo*: entregaram-se corpo e alma ás seducções da politica, privando assim a sua pa-

tria do contingente fecundo do seu talento, sacrificando de vez o bellissimo programma que haviam adoptado!

Clovis Bevilaqua, porém, não arrepiou carreira.

Sosinho mesmo elle terçou as armas da combatividade, mas d'essa combatividade pacifica, se é possivel dizelo, em que não jorra o sangue do adversario, em que não apparecem como factores, o odio, a vingança, a traição e tantos outros meios indecentes, em que carinhosamente são acatadas a honra e a individualidade d'essa velharia dogmatica, intransigente, acastellada nas velhas theorias metaphysicas, inconsciente de sua nullidade,



em que finalmente, com a imperturbabilidade do facultativo elle disseca, á luz da verdade, á logica dos factos, uma a uma, todas as idéas contrarias a evolução das lettras, artes e sciencias.

Foi por intermedio d'esses illustres conterraneos, deificadores das novissimas theorias então correntes em Pernambuco, que travei conhecimento com Clovis Bevilaqua, que eu acostumei-me a querel-o, a veneral-o, que li os seus bellissimo artigos estampados na *Idéa Nova*, que li muitas outras monographias de subido valor que ainda hoje correm mundo nas azas da publicidade. A nova construcção philosophica de Augusto Comte, tendo

dado outra orientação ao movimento intellectual do Recife pelas suas doutrinas positivistas que foram larga e agitada adheridos em nosso meio, devia ser sem duvida o movel característico que induzio a Clovis Bevilaqua a publicação da sua *Philosophia Positiva no Brazil*.

Não obstante o incondicionalismo com que os nossos homens de sciencia iam geralmente abraçando o positivismo comteano, o espirito analysta do nosso iconoclasta fez do seu livro um estudo de observações scientificas, expurgando as más e aceitando as boas idéas do importante systema philosophico que tão profunda revolução trouxe ao nosso organismo social.

O largo espirito de Clovis ahi se revela philosophicamente educado. Sem sacrificar o fundo dos variadissimos conhecimentos que n'esse livro salientam-se, mostra ter o «sentimento das palavras». «Elle ama as palavras ricas, brilhantes e raras, e as dispõe engastadas em ouro em redor da sua idéa, como um bracelete de pedras em volta de um braço de mulher» (1). Vê-se, pois, que Clovis por um amor de plastica incomparavel, ainda estuda a sciencia do estylo, veste de variegados matizes as ricas palavras que emprega, cuja onomatopéa torna-se á primeira vista, accessivel ás mais tenues comprehensões: tem o talisman da forma, o verdadeiro buril do artista de raça com que satisfaz facilmente todos os caprichos do seu genio.

Em 1886 foram tambem publicados os *Estudos de Direito e Economia Politica* e em 1894 os *Traços Biographicos do Desembargador José Manoel de Freitas*.

Na primeira d'estas obras elle synthetisa muitos problemas de difficil solução e apontando meios varios de solubidade, prestou á mocidade que estuda esse departamento das sciencias

(1) Não me sendo possivel, pela estreiteza do espaço, citar as obras, paginas e linhas de onde extrahi alguns pensamentos que pedi de emprestimo na confecção d'este ligeiro trabalho, resolvi publical-os entre este signal: —« ».

cias sociaes em nossa Academia de Direito, relevantissimo serviço.

Na segunda, elle se revela um biographo de merito, com habilidade rara collecciona e annota os innumeros documentos que põem em relevo a vida do illustre biographado.

Não parouahi.

Longe de Clovis repousar sobre os triumphos alcançados, continuou a sua peregrinação «empallescendo sobre os livros ao livido clarão de uma luz mortíca» no seu gabinete de estudos.

Um prazer egoistico o arrastará, uma satisfação baual de gloria, de renome?

Não de certo.

Conheço a sua ternura, estudo constantemente a elevação de sua alma para afirmar bem alto que tudo elle faz por amor do sentimento de familia, do sentimento da humildade.

Como Pierre Laffitte, elle comprehende «que a sciencia cultivada sem o fim social é a mais ociosa das inutilidades».

Foi ainda este duplo sentimento a que acima alludí que inspirára a Clovis Bevilaqua em 1889 e em 1894 á publicação de duas primorosas joias litterarias:—*Epochas e Individualidades e Phrases e Phantasias*.

Obrigado a mais rigorosa synthese, attento á exiguidade do espaço, devia cingir-me a simples enumeração d'esses livros, se me não concitasse a curiosidade os attrahentes assumptos que elles encerram. Verdadeiros typos de moderna litteratura elles são poderosos factores da evolução litteraria que aqui se agitária: são um dique pôsto á roda secular d'esse francezismo injustificavel, uma contribuição directa ao levantamento de uma litteratura genuinamente nacional.

«A transmutação litteraria, juridica, scientifica e philosophica, está consumada» como elle mesmo o dissera.

O seu desenvolvimento, porém, exige da actividade intellectual de todos os combatentes o seu contingente respectivo. Esses livros são, pois, representantes d'essa actividade exigida, são o reflector da maior somma de esforços despendidos.

O leitor que observar com attenção o rythmo da phrase, o estylo aprimorado, o culto á forma, qualidades todas que ornamentam essas bellissimas paginas de douradas phantasias, já-mais deixará de crêr que o nosso adoravel sonhador fez da litteratura assumpto de sua predilecção.

«..... Engano da alma, ledo e cego

«Que a fortuna não deixa durar muito».

O realismo scientifico, arido, sahario para quasi todos que percorrem os seus vastos dominios, tem sido ultimamente cultivado por Clovis Bevilaqua com a ousadia de verdadeiros exploradores de incognosciveis mundos.

As suas observações scientificas, nestes nossos horizontes descortinados á sua vista, esteiadas n'um largo e consciencioso estudo, não o deixam elar-

se a cadeia do convencionalismo militante, caracteristico aliás de outros festejados talentos.

«Ósado explorador dos conhecimentos humanos Clovis não se limita a descrever as legiões que percorre, vai mais adiante, procura dar sempre o verdadeiro sentido, a real significação de tudo que observa.»

*As Lições de Legislação Comparada, o Direito das Obrigações, o Direito da Familia, a Criminologia e Direito* são quatro attestados eloquentissimos da verdade que venho de afirmar, verdade que já não tem o sainete da novidade por isso que se acha na consciencia de todos.

Mau grado meu deixo aqui de adduzir algumas considerações sobre o merito intrinseco de cada um desses «monumentos levantados a juristica nacional» porque isso demandaria muita illustração, porque o termino traçado ás raias deste artigo, se avizinha fatalmente.

Considerações outras, de ordem mais ou menos externas, me levam de preferencia a citar algumas opiniões de homens eminentes sobre estas obras e seu auctor, juizos que incontestavelmente pesaram mais na balança dos leitores.

Sobre a *Legislação Comparada* vem ao caso o facto de ser ella invocada no Senado Federal pelo Dr. Gomes de Castro em apoio de um argumento que o mesmo formulava contra o seu antagonista na questão do divorcio. Esse antagonista que não era outro senão o Dr. Coelho Rodrigues, um dos jurisconsultos de nota do nosso tempo e de quem raramente se ouviu uma palavra de elogio, referindo-se a Clovis Bevilaqua e a nossa Faculdade, disse: não sei que lá haja ou tenha havido outro mais illustre.

Afóra muitas outras referencias dos trabalhos de Clovis em quasi toda a Europa, Gabriel Tarde traduzio e transcreveu na *Revue d'Anthropologie Criminelle* um utilissimo estudo que Clovis fizera sobre a criminalidade no estado do Ceará.

O Dr. Luna Freire, moço criterioso intelligente, lente e director da nossa Faculdade, em uma das bellissimas prelecções sobre direito commercial marítimo, citando uma opinião de Clovis sobre parceria marítima disse que elle é o *primus inter paris* do nosso meio.

Tambem o Dr. Cirne, uma das estrellas mais seintillantes da nossa constellação de juristas, o advogado mais competente em direito civil no fóro do Recife, recommendou da cadeira de lente o Direito das Obrigações de Clovis como sendo o tratado mais completo, mais methodico de quantos elle ha conhecido até hoje.

O Dr. Laurindo Leão um dos discipulos mais aproximados de Tobias Barretto, o orador mais sonoro e mais feliz do nosso corpo docente, na abertura do seu curso de Historia do Direito Nacional, no corrente anno, em apostrophes ligeiras, mas cheia de sublime eloquencia, col'ocou Clovis acima de Ruy

como jurisconsulto, acima de Silvío como critico, fundamentando philosophicamente as suas afirmações e terminou recommendando os seus trabalhos para o estudo da disciplina que liceona.

O Dr. Arthur Orlando, o jornalista emerito, o critico de pulso, no anno passado pelas columnas d'*A Provincia* fez honrosissima apreciação sobre o Direito da Familia.

Mas para onde me levam estas citações se um catalogo enorme está no dominio do publico?

Quem hoje publica um livro sujeita-se a um julgamento.

Clovis tem publicado muitos

As suas obras já receberam do tribunal da critica desapaixonada, imparcial a consagração de verdadeiros monumentos de sciencia e utilidade.

Felizmente ellas vieram á luz quando desaparecia a autoritaria critica dessa velharia «de oculos encalhados na testa, senho carregado e férula na dextra, medindo, pesando, cortando como um honrado tendeiro, os productos da intelligencia humana, como se fossem pannos ou viveres» Ellas receberam finalmente, a unção dos processos technicos dessa moderna geração para quem a critica não é esse *esmerilhamento de phrases*, mas um estudo de homem, um registro de factos, como bem diz um fluminense distincto.

Quem, pois, ler os trabalhos de Clovis, resoluta a fazer justiça, sentirá sua alma tocada por essa inspiração que eleva o artista á systematisação das sublimes idéas

Por uma lei fatal da contingencia humana as necessidades da vida tragam imperiosamente a direcção do nosso espirito, entretanto, quando esse espirito é superior, quando paira nas serenas regiões dos sublimes idéas, tendo por alvo o sentimento da humanidade, um desprendimento, um valor de natureza imprevista como que o centuplica dando insanchas á todas as faces da vida. E' por esse effeito que Clovis Bevilaqua — um dos modelos de esposo, de pai e de amigo, a cujo serviço põe sempre uma boa parcella do seu precioso tempo, continúa a enriquecer, com os seus constantes trabalhos, as nossas bibliothecas. Alem dos escriptos que diariamente publicam as revistas e jornaes, estão em via de publicidade os *Juristas Philosophos, Esboços e Fragmentos* e as *Contribuições para a historia do direito* que formarão 3 ou 4 grossos volumes, cujo plano geral se lê na «Revista Academica.»

Por todos estes documentos jámais exhibidos por outro orazileiro de pouco mais de 30 annos, a logica dos factos manda asseverar que novos commettimentos aguardam o talento privilegiado de Clovis.

Ao seu intellecto serão talvez reservados no Brazil os dois maiores empreendimentos do seculo XX — a confecção do nosso almejado codigo civil e a exploração do filão indiano tennemente iniciada por G. Dias e José de Alencar.

Estas duas disciplinas de seu particular agrado, *direito e historia* constituem a principal vocação do seu largo espirito juridico-cientifico, do seu olhar genialmente investigador.

Dos nossos juristas será elle o mais competente para traçar, «pela sua alta jurisprudencia de vocação» o desempenho da primeira: será o nosso Leconte de Lisle para evocar das profundezas do abysmo, no desempenho da segunda, «o passado portentoso, opulentissimo dos nossos tupys.»

Newton BURLAMAQUI.

## Sobre uma divisão de cousas

(Conclusão)

Seria a divisão das cousas em moveis e immoveis a que prevaleceu durante a Idade Media?

Evidentemente não e isto sabem todos aquelles que lidam com a historia juridica. Durante este periodo chamado de fusão e em que se encontraram os diversos elementos que deviam servir para a constituição da sociedade moderna, a divisão que prevaleceu foi aquella que classificou as cousas nas duas grandes cathogorias: feodo e allodio; propriedade feudal e propriedade alodial. E' isto mesmo o que affirma Sumner Maine, o que não quer dizer que o alodio seja uma pura creação feudal.

Diz o escriptor que eu acabei de citar: «O alodio, sob uma forma ou sobre outra, é provavelmente tão velho quanto a instituição da propriedade territorial e nós podemos olha-lo como o equivalente ou o descendente em linha directa, da parte de cada individuo tomava na porção de dominio apropriada pelo grupo a que elle se ligava,—tribu, comunidade de familia, comunidade de aldeia ou cidade nascente.» (1)

Ora, é impossivel confundir a divisão de moveis e immoveis com a de feodo e allodio, sendo muito facil prova-lo. Para isto basta conhecer a noção dos dois ultimos termos. E' certo porem que a palavra feodo variou de sentido e não ha um accordo perfeito entre os escriptores quanto ao modo de entendel-a. Os juris-consultos do seculo 18 definiam o feodo—«uma concessão feita com encargo de fidelidade e de serviço nobre, com reserva de um direito de senhorio»: Esta definição, diz Charles Mortet, exacta para os ultimos seculos do antigo regimen. não o é para os primeiros tempos da feodalidade. (2)

Houve, porém, um caracter que persistio sempre durante todo o periodo feudal. A palavra—feodo—que se faz derivar do gothico—*faihu*—por intermedio das formas latinas—*feus*, *fevus*, *fevodus* e *feudus*—designou sempre o contrario da propriedade livre, do al-

lodio; foi sempre uma concessão gratuita de serviços.

Vejamos porém, o que é o allodio. Na antiga constituição territorial diz Paul Cauwes, o allodio é a terra franca e livre; é o contrario do beneficio que é uma concessão vitalicia e submittida a serviços para com um senhor. (3)

Isto mesmo está de accordo com a ethmologia da palavra, pois allodio vem de —al—toda, inteira e od—propriedade. O allodio, diz ainda Paul Cauwes, seria o prototypo da propriedade moderna si não fosse, segundo toda verosimilhança uma herança do *dominium* romano, recolhida pela sociedade barbara. (4)

As definições que os escriptores citados dão do feodo e do allodio são sufficientes para mostrar que a divisão fundamental da idade media não é a mesma que domina na actualidade; que aquella classificação tem uma característica diversa da do direito moderno segundo a qual as cousas são grupadas nas duas cathogorias de moveis e immoveis.

Desapparecida assim toda a possibilidade de uma identificação entre as duas classificações, vejamos si a divisão que se faz das cousas no ponto de vista de sua natureza domina como soberana em todo direito moderno.

Por mais que isto possa parecer exacto, a primeira vista, na realidade não o é, porque «as sociedades de lingua ingleza,—a Inglaterra, suas colônias, mais da metade dos E. U. da America,—rejeitam ainda a classificação romana aperfeiçoada, e separam da propriedade immovel os arrendamentos a termo para junta-los a propriedade pessoal ou movel». Tambem rejeita tal classificação o direito musulmano.

Todo o systema das leis inglezas relativas á propriedade, diz Glasson, sendo fundado sobre os principios da feodalidade, a principal divisão dos bens não consiste em distinguil-os em moveis e immoveis, mas em bem reaes pessoas. (5)

Que as duas cathogorias não se confundem é facil demonstrar.

Para isto basta attender ao conceito que as leis inglezas fazem do que sejam bem reaes ou pessoas. Só a propriedade real tem o caracter de um feodo, ella suppõe duas condições essenciaes; o goso perpetuo ou vitalicio e a immobilidade do predio (*fonds*). (6)

Eis em que consiste a propriedade real do direito inglez. Como se vê é bastante original, principalmente si attender-se que ella ainda tem um cunho feudal, cunho que já foi perdido pelas outras legislações, na sua generalidade, e que não existe somente na propriedade, mas que se nota tambem no regimen successorio. Os bens pessoais, diz Glasson, são as cousas moveis em geral, assim como o direito de

gostar dos immoveis por um tempo determinado e por mais longo que seja, mesmo de mil annos. A' propriedade pessoal faltam os caracteres essenciaes da propriedade real, isto é, o goso perpetuo ou vitalicio e a immobilidade do predio. Na tecnologia do antigo direito normando ella tinha o nome de chattel, nome que ainda hoje conserva.

O facto é que a expressão ingleza da propriedade pessoal, expressão que designa todas aquellas cousas que não são bens reaes, é mais comprehensiva que a nossa expressão de propriedade movel. Ella abraça, diz Lehr, (7) não somente os moveis propriamente ditos, *goods*, mas ainda os diversos *chattels*. Aliás a palavra chattel está um pouco afastada de sua ethmologia e designa alguma cousa mais do que, de accordo com ella, deveria designar, pois chattel vem de *catalla* ou *cattle*,—gado de uma herdade.

Na linguagem juridica, porém, a palavra chattel tem significação totalmente opposta a de feodo e não a de immovel.

«Tudo o que não é feodo é, em certo sentido chattel e tudo o que é chattel não é propriamente fallando movel».

Por suas vez os *chattels* se dividem em pessoas ou reaes.

Os primeiros são constituídos pelos bens moveis; os segundo pelos bens immoveis.

O que ahi fica dita basta para o ponto de vista especial em que me colloquei; pois creio ter demonstrado, que a principal classificação dos bens ou das cousas pelo direito inglez differe em muitos pontos da classificação romana aperfeiçoada—moveis e immoveis,—que é a que domina na maior parte das noções modernas. Quanto aos Estados Unidos do Norte, basta lembrar que ahi domina ainda o direito inglez, de sorte que a classificação adoptada é em regra geral, a mesma da antiga metropole, o que não quer dizer que em alguns Estados da União, não tenha sido dita classificação substituida. Resta-me indicar o direito musulmano. Não me sobra tempo nem espaço para estudar em seus detalhes a theoria do direito musulmano, a respeito da classificação dos bens. Me limito aqui a lembrar que Sawas Pacha, na sua «Theoria do Direito musulmano», nos faz saber que, em tal direito, a divisão das cousas em moveis e immoveis é desconhecida.

T. ROSAS.

## PADRE ANTONIO VIEIRA

Quando o Brazil estava envolvido ainda no véo espesso de sua vida incipiente e os primeiros galeões singravam os seus mares, os puros ensinamentos santos da Egreja eram transmitidos poresses apóstolos indefessos, sublimes, immensos cuja palavra echoa-

(1) Sumner Maine — *Etudes sur l'ancien droit et la costume primitive*—Edd. fr. pag. 459.

(2) Charles Mortet — *Art. da Grand. encyclop.* vol. 17 pag 416.

(3) Paul Cauwe — *Art. da Grand. Encyclop.* vol. 2 pag. 357.

48. Cauwes *Loc. cit*

(5) E. Glasson *Hist. de Dr. et des Inst.*, vol. 6, pag. 315.

(6) E. Glasson *Op. e pag. cit.*

(7) Lehr.— *Elements de droit civil anglois* pag. 128.

va intensa e profundamente nas encru-silhadas dos caminhos, indo repercutir no recesso das florestas em ondas adamantinas de consolo e amor, de fé e paz.

E depois não houve lugares, aldéas, villas que não perlustrassem os enviados do Senhor, as margens dos caudalosos rios e dos angustos riachos, as aridas planicies e os verdejantes outeiros, por toda a parte, ha sulcos luminosos de sua passagem.

O ideal que domina um homem faz vencer difficuldades e perigos, mas quando esse ideal é o religioso, desdobrando-se em modalidades multiplas, então não ha impossiveis que não supere, montanhas que não transpunha, abysmos que não supprima; por isso que o sentimento religioso, segundo as bellas palavras do Dr. Ruy Barbosa, «*paira acima do egoismo, do amor e da patria, é o sentimento mais universal, menos morredouro, mais indomavel, mais heroico.*»

Homens extraordinarios pelas suas virtudes e saber embalaram o berço da nossa Patria ao quente bafejo terno da fé, revigoraram os tecidos fracos na abjecção em que jaziam, injectando-lhes o soro fortalecente dos principios saõs, renovaram o fundo physio-psychico do selvagem pela transformação christã por que passou o Brazil.

Serie esplendida de varões apostolicos illumina o vasto cyclo da nossa vida colonial, cada um delles é elemento propulsor para as linhas indecisas da nacionalidade emergirem consistentes e definidas.

José de Anchieta, Manoel da Nobrega, Aspilcueta Navarro e centenas de outros padres são nomes que devem ser guardados no relicario precioso da Historia como os inspiradores da nossa cultura e os mestres da nossa lingua.

Ha pouco vimos que o Dr. Eduardo Prado, por um sentimento de gratidão e justiça, afim de celebrar o tricentenario da morte de Anchieta, promoveo em S. Paulo uma serie de conferencias sobre essa sympathica individualidade.

Peregrinos talentos nas lettras e sciencias concorreram a esse certamen da intelligencia, nomes laureados como os de Brazilio Machado e Joaquim Nabuco fizeram a apothose do sublime jesuita.

Agora por iniciativa do Instituto Historico e Geographico da Bahia trata se de celebrar condignamente o bicentenario da morte de Vieira, a figura mais notavel da litteratura portugueza depois de Camões.

Para alguns espiritos acanhados, envoltos na fumaça de pretencioso liberalismo e saturados do pedantismo vulgar da incapacidade, as festas aos grandes luminares do Christianismo deveriam passar despercebidas, porque causam-lhes incommodo.

E toda vez que se glorifica um Anchieta, um Vieira a vulgaridade materialista se estorce no volutabro do seo odio ignobil.

Mas todas estas mostras da paixão e injustica historica são calcadas, annulladas na insignificancia asiniva do seo conceito pelo unisono testemunho dos competentes, pela eloquencia arrebatadora dos oradores, pelo juizo da Historia, pela reminiscencia consoladora da posteridade.

Portuguez de nascimento e brasileiro de coração, o Padre Antonio Vieira dedica a maior parte da sua vida ás grandes reivindicções humanas, lucta pela liberdade dos indios com a mesma dedicacção e sinceridade como pelos principios do Evangelho, apostolo da liberdade e da consciencia a sua palavra se ergue terrivel qual escarcéo indomito de encontro ao rochedo do erro, causando claros empreenchiveis nas fileiras inimigas.

O seo estylo e a sua penna possuem o segredo de fascinar, de queimar, na pyra ardente de seos periodos, o vicio sempre prompto em soerguer o seo nojento collo vil.

E os seos sermões, monumento imperecivel de perfeição, pura fonte crystallina de castiça linguagem, compendio eterno de ensinamentos profundos, palhetas d'ouro de arisca imaginação fertil; e as suas cartas, mimoso arsenal de preciosidades raras, espelho exacto da vida colonial brasileira, estam de continuo sob os olhos dos estuqiosos das cousas patrias, do historiador e do scientista.

O amor pela causa da Igreja e portanto pela da civilisacção e do progresso leva o jesuita a aprender as linguas selvaticas, adivinhando, num som destacado, numã interjeição brusca, a idéa, o sentimento do selvagem e d'ahi a vereda para os grandes resultados praticos que causam admiracção e assombro.

Que paciente esforço, que dedicacção indefessa para aprender o *Nheengaiba*, o *Jurnúna*, o *Tapajó*, o *Teremembé*, o *Mamayaná*, e outros dialectos tupyguaranys?

E ainda ha quem diga que a sciencia nada deve aos jesuitas!

Tempo é já de abandonar-se esse preconceito injustificavel perante a Historia e a consciencia dos homens justos.

A' acção benefica do jesuita muito deve a nossa civilisacção, os escriptos desses obscuros apostolos do bem são o primeiro passo para o estudo serio e consciencioso do nosso caracter, a ethnographia e linguistica acham sua base solida nas paginas dos seos livros, onde todo o investigador sensato precisa abeberar-se de subsidios para qualquer estudo sobre as nossas origens.

Quanto é edificante a vida desse sublime padre cuja apothose Alves Mendes, o eximio orador portuguez, faz em synthese admiravel que me vejo obrigado a copiar.

«Pois, aprendendo de prompto e perfeitamente o idioma indigena, «fez cathecismos em sete linguas differentes; demorou cinco annos em todas as aldeias da Bahia e nove annos nas gentilidades do Maranhão e Grão-Pará;

levantou desesete igrejas;» percorreu a pé e a canôa mais de quatorze mil leguas e chegou a celebrar o Santo Sacrificio rodeado de mais de cincoenta mil selvagens; alargou com a pregaçáo do Evangelho as balisas da civilisacção humana n'um raio de seiscentas leguas, que tantas contou da serra Ibiapaba ao rio Tapajós. E emfim, carregado de annos e de serviços expira na Bahia aos 18 de Julho de 1697, deixando como expolio duas roupetas, uma sobrepeliz e um Crucifixo! as armas e veneras dos seos combates, as condecorações da sua milicia, as insignas de toda a sua vida.»

Sublime vida santa devotada ás grandes causas da patria e da humanidade que se revejam nella todos os homens de coração e justiça capazes do culto desinteressado dos varões illustres.

RODRIGO COSTA.

## A Federação Internacional

Dentre as questões sociaes que se teem agitado neste seculo nenhuma tem mais importancia e mais tem prendido os escriptores do que a federação internacional, a emancipação dos povos.

A' principio mera aspiração, vaga e indefinida, bello sonho de espiritos utopistas, a questão do internacionalismo já começa, como diz um escriptor, a ser reduzida a formula precisa e já constitue o dogma cardeal do socialismo hodierno. Bandeira do programma socialista, labaro a cuja sombra vão abrigar-se todos os que almejam uma organisação da sociedade mais consentanea com os principios de justiça e equidade, a obra internacional basease na solidariedade de todos os povos, tendo como escopo unico, fim primordial a conquista da egualdade social, a fraternidade universal e a paz como condição imprescindivel á felicidade de todos.

«A associação, esereve Magalhães Lima, é a forma necessaria da solidariedade e a egualdade social nunca poderá ser alcançada, senão pela supressão de todos os privilegios, de todos os monopolios e de todas as iniquidades.

O ideal moderno, continúa o mesmo escriptor, é por isso mesmo um ideal de justiça e de emancipação.

A' emancipação do individuo corresponde logicamente a emancipação da familia, á emancipação da familia a emancipação da sociedade, á emancipação da sociedade a emancipação dos povos e á emancipação dos povos a emancipação da humanidade.»

Esta assim emancipada constituirá uma patria unica, sem fronteiras disputadas, sem animosidades nacionaes, sem legiões que se entre-degolem, diz Henry Brissac: esta patria comprehenderá todo o globo.

O homem chamar-se-á cidadão do mundo; seu unico patriotismo será a fraternidade universal.»

Uma observação attenta das sociedades modernas nós revela que estas vivem em um perfeito estado de guerra e de revolta e a perspectiva que se antolha aos homens ponderados e reflectidas não pode ser, na phrase de Magalhães Lima, nem mais dolorosa nem mais sombria. « Encontramo-nos em face de um velho mundo que desaba. Por toda a parte a duvida e a incertesa. »

A disposição da alma actual, diz Max Nordau na sua grande obra *Degenerescencia*, é extranhamente confusa, feita ao mesmo tempo de uma agitação febril, de um desanimo incompreensivel, de um receio pelo futuro e de uma alegria desesperada que se resigna.

Por mais tola que seja a expressão *fim de seculo*, é certo que o estado de espirito que ella traduz e define, existe de facto nos corpos dirigentes. Mas não é propriamente a um fim de seculo que assistimos, prosegue o eminente escriptor, é antes a um fim de raça, a um fim de geração, a um fim de civilização, a um verdadeiro crepusculo dos povos. « Estas disposições de duvidas desgostos e mal estar encontram-se com a mesma intensidade na politica, na arte, na litteratura, na propria religião que cada vez mais empallidece e desvalorisa-se.

A disposição, porem, para um estado melhor, diz ainda o notavel autor da *Obra internacional*, existe em todos e as manifestações que se notam em todos os ramos da actividade, a que Max Nordau chama *degenerescencia*, não são outra cousa senão um aneio de bem estar, uma necessidade de ser feliz, um prurido de bemaventurança a que tem direito todo o trabalhador e todo homem que pensa » e a realização deste estado de felicidade geral só pode effectuar-se quando as fronteiras não separarem mais as nações, quando estas unidas como irmãs constituirem uma só patria, formarem a grande republica Europea Americana Universal. Cada nação, é certo, constituirá uma individualidade aparte, no que diz respeito a seus interesses, a suas funções especiaes, mas entrarão em accordo, como pensa Farias de Britto, quanto á direcção geral da civilização, podendo mesmo haver por delegação dos differentes paizes, um centro cosmopolita a que devem estar subordinados todos os povos e todos os governos. E' o que se dá no corpo humano composto de órgãos especiaes que funcionam separadamente subordinados todos a um centro commum: o cerebro. A federação internacional não é uma aspiração irrealisavel, um utopia. A sciencia e a arte são instituições verdadeiramente internacionaes como o são tambem a diplomacia, o commercio, o correio, os bancos, a navegação, o telegrapho, o telephone. As idéas são cosmopolitas e é no dominio do pensamento que mais nitida accentua-se a federação internacional o que bastaria para provar que o futuro lhe pertence, na phrase de Littré.

O livro, o jornal, a conferencia são os vehiculos que transmitem a idea internacional, diz ainda Magalhães Lima; a solidariedade dos pensadores de todos os paizes que representam o progresso incontestavel, tornar-se-á no futuro a primeira força social e esta solidariedade já existiu na primeira expansão da renascença.

A harmonia de todos os povos é o resultado logico da grande lei do dinamismo social, da lei da evolução a que preside ao desenvolvimento dos seres. Esta harmonia effectuar-se-á em um futuro não remoto, porque a paz é o progresso e este não pode existir sem o accordo pacifico dos povos. Foi por isso que disse o grande Pasteur: creio na sciencia e na paz; creio que triumpharão contra a ignorancia e contra a guerra e creio por isso mesmo que o futuro ha de pertencer aos bemfeitores da humanidade.

L. BAPTISTA.

### Frio d'alma

(A CORAÊA PINTO)

Noite pluviosa, fria e triste... Todos na *republica* sentiamos frio no corpo e frio n'alma... Para combater aquelle tomavamos café, e para dominar este, que nos entibiava a energia e nos atirava os corações nas geleiras da apathia e do tedio, accendemos a fogueira de uma palestra animada e vivaz.

Inflamavam-se n'ella, promiscuamente, a lenha commum dos assumptos triviaes e as madeiras preciosas de questões importantes. E a fogueira ardia brilhante e calida, derramando uma luz que afogava o negror de nossa apathia, espargindo um calor que derretia o gelo de nosso tedio: não faltava combustivel, e ella ateava-se flammejante e alterosa com o constante sopro da opinião de cada um.

Discutia-se calorosamente, n'um crescendo de enthusiasmo coruscante e espaventoso, quando, não sei por que nem como, a prosa deslisou para o terreno delicado da amizade e dos amigos.

N'este ponto a discussão tornou-se estuante, e as opiniões se scindiram accentuadas e symptomaticas; uns acreditavam na amizade sincera e generosa, capaz de sacrificios, e outros descreiam inteiramente da realidade d'esse sentimento desinteressado, que leva ás maiores abnegações.

Um collega nosso, que iniciára os seus estudos juridicos em S. Paulo, onde havia feito duas series, mostrava-se a esse respeito de um scepticismo á prova de fogo, e para nos convencer de que a amizade é hoje apenas uma palavra de luxo, uma bonita figura de rhetorica, e que em tudo preponderam o interesse e o egoismo, relatou-nos o seguinte facto, que reproduzo fielmente, como verdadeiro phonographo:

« Dera-se em S. Paulo uma vaga de lente substituto de uma das secções da Faculdade de Direito. Abriu-se con-

curso, e, além de outros, inscreveram-se, como concurrentes, dous amigos inseparaveis e devotadissimos, conhecidos por Damon e Pythias.

Uniam-n'os os atilhos bronzeos, embora suaves, de uma amizade nascida nos brincoes infantis da *cabra-cega* e do *esconde-esconde*, estimulada pelo entrelaçamento das familias e pela estima dos paes, acalentada pela egualdade de indoles e gostos, alimentada nos bancos escolares da grammatica de Abilio e dos versos de Camões, cultivada nos estudos secundarias e consolidada nas bancadas academicas, onde resaltou a uniformidade de suas idéas religiosas, politicas e scientificas.

Eram ambos rapazes talentosos e honestos, que tinham a dupla nobreza de uma instrução primorosa e de um caracter intransigente. Deixaram os dous na Academia uma fé de officio crystalina e fulgurante, em que se reflectia a limpidez d'um proceder invejavel, e fulguravam as estrellas symbolicas das mais gloriosas victorias scientificas.

Os bedeis affirmavam que elles, como estudantes, viveram sempre na mais perfeita solidariedade e harmonia. A vaidade de um jámais procurára empecer a marcha triumphal do outro; este revira-se sempre satisfeito nos progressos d'aquelle: estimulavam-se reciprocamente, mas sem rivalidade, sem o prurido do predomínio.

Eram esses dous jovens tão bellamente laureados e tão exemplarmente amigos, que n'um concurso iam ferçar as armas da sciencia um contra o outro; mas era tal a fama de sua amizade que se dizia que o derrotado folgaria com a sua derrota, e que o vencedor, si podesse, cederia os louros ao vencido. Chegou o dia em que um dos dous amigos, o Dr. Nemesio da Gama, ia arguir o outro, o Dr. Marcolino d'Oliveira.

A originalidade do facto e o renome que cercava, como uma brilhante aureola, os jovens concurrentes, attrahiram ao recinto da Faculdade de Direito a elite intellectual e scientifica de S. Paulo.

Sou a hora. Penetrou no salão nobre a congregação dos lentes, de béca, serena e magestosa como a lei. O director sentou-se no centro, em uma cadeira d'espaldar, tendo á sua direita o vice-director e seguindo-se-lhe de um e outro lado, na ordem da antiguidade, os outros professores.

Fez-se silencio pesado e nervoso. A vozzeria foi substituida por uma anciedade, condimentada do prazer que experimentaria aquelle que n'um amphitheatro fosse presenciar a lucta encarnigada de dous leões.

O director, de cuja fronte resumbrava um talento tutorado por uma inquebrantavel força de vontade, deixou cahir dos labios a phrase sacramental: « Podem começar ».

Empallideceram de leve os dous gladiadores da sciencia juridica, collocados um defronte do outro, em uma



mesa que defrontava com a congregação.

O Nemesio, depois de enxugar com o lenço as bagas de suor que a emoção lhe espremera na fronte, começou a atacar magistralmente as theses do seu amigo, verdadeira fortaleza inexpugnável.

Foi um ataque de general provector e aguerrido; mas o Oliveira soube defender-se com igual pericia e denuo.

Renovou-se o ataque mais cerrado, e então tornou-se mais e mais renhido o prelio da sciencia. Não se poupavam mais os contendores, ambos ricos de munições e igualmente amestrados na estratégia da argumentação.

O duello de morte era de impressionar, de hypnotisar... A attenção transformava em verdadeiras estatuas os assistentes mais versateis, que pareciam incapazes da menor concentração d'espírito.

Alguns lentes, que a principio dormitavam, e outros, cujas feições trahiam nos outros dias a sua anciedade de sahir para tratarem de seus mysteres d'advocacia, mal respiravam, fascinados pela eloquencia dos dous antagonistas.

Uns dous cathedrauticos, sensiveis, francos, incapazes de refolhar uma emoção, traduziam a cada momento, n'um gesto, n'um olhar, n'um movimento de cabeça, n'um monosyllabo incoercível, a sua sympathia por um e a sua antypathia pelo outro; ao passo que outros, impenetraveis, meticolosos, fechavam nos cerebros e nos coraçãoes seus juizos e seus sentimentos, com cadeados de segredo que não lograva abrir o mais pertinaz observador.

Alguns outros, talentos profundos e cultivados, que mais scintillavam pela meldura singella da modestia, estiravam o pescoço, gravemente, e deixavam as palavras penetrarem nos ouvidos, ao mesmo tempo que seus olhos, com uma fixidez persistente, pareciam vel-as, como si para elles as palavras da sciencia revestissem forma e côr.

E a refrega continuava faiscante, fogosa, sem que um adversario conseguisse sobrepujar o outro; por mais que elles appellassem para a sua estratégia, por melhores investidas que fizessem, a victoria não se decidia em favor d'este nem d'aquelle. E' que ambos esgrimiam com a maior perfeição as armas da sciencia cuidadosamente aguçadas nas pedras do estudo e da reflexão.

Então os dous, sem calma, olhares turvos pelas baforadas fetidas do estomago exigente, na impossibilidade de vencer um o outro, resvalaram da arena nivelada e luminosa da polemica scientifica para o terreno anfractuoso e escorregadio da discussão pessoal.

Logo á primeira vez que se puderam em attricto, na vida pratica, os interesses dos dous amigos, o lago remansoso de sua amizade transmutou-se em uma verdadeira bahia de Bis-

caya, onde soprava desabrido o vendaval do amor do eu.

Continuou o ataque individual, em que elles se doestavam em uma linguagem comedida, se insultavam convenientemente, alludindo mesmo a vicios imaginarios ou reaes, que, não obstante, ainda não haviam sahido da penumbra da intimidade para a plena luz do publico, pelos respiradoiros da maledicencia.

O director, cheio d'uma energia insinuante e sympathica, chamava-os de vez em quando á ordem, tangendo a campanha e advertindo-os delicadamente.

Elles arrefeciam por momentos, mas voltavam de novo á carga, a cada pretexto que surgia.

O Oliveira atirou ao Nemesio uma injuria mordaz e deprimente, envolvida n'uma phrase ambigua.

Foi a gotta d'agua que fez transbordar o fel de seus coraçãoes... A caudal dos insultos rompeu então os diques da conveniencia, e suas razões boiaram á mercê das ondas furiosas do mar da vaidade, da cobiça e do odio.

O facto causou estupefacção, fez escandalo.

O director vio-se obrigado a suspender n'aquelle dia os trabalhos do concurso. O ultimo lente desaparecia nos umbraes da porta da secretaria, e os dous concurrentes, inteiramente alheios ao que se passava em derredor delles, possessos, ainda escarravam injurias reciprocas, abanando-se mutuamente, com as mãos tremulas, os rostos, com si estivessem em mangas de camisa, despida a casaca da austeridade, característica da seriedade do acto.

Quanto coube ao Oliveira a vez de arguir o Nemesio, elles, já experimentados, souberam mascarar o odio, evitando a sua explosão por meio de uma crosta affectada e grossa de delicadeza hypocrita e convencional.

Terminado o concurso, reuniu-se a congregação e foi classificado em primeiro lugar o Nemesio, por pesar mais na balança da sympathia e da protecção dos lentes.

Sobre elle recahiu a nomeação para o lugar de lente substituto, e este facto ainda exacerbou mais a inimidade dos 2 antigos amigos inseparaveis, originada da primeira collisão de seus interesses na vida pratica.

Hoje são o exemplo dos mais rancorosos inimigos, que não perdem o ensejo de fazer mal um ao outro.

A historia diz que Aristides e Themistocles, inimigos acerrimos e adversarios politicos, escolhidos para uma embaixada que interessava á patria commum, deixaram nas portas de Athenas a sua inimidade, com a celebre phrase de Themistocles: «Deixemos aqui a nossa inimidade; retomaremos, se quizer, quando voltarmos!» E os 2 grandes patriotas da Grecia antiga, quando voltaram de sua missão, não apanharam mais a inimidade sacudida nas portas de Athenas pelas mãos do patriotismo.

Agora aquelles dous bachareis — Nemesio e Oliveira, amigos intimos, entrando na Academia de S. Paulo para se submeter a um concurso em que iam ser adversarios, deixaram na soleira da porta a tunica santa, nivea e serena da amizade, e, sahindo, calcaram aos pés essa tunica que elles tinham vestido na infancia, e tomaram a tunica negra e tempestuosa do odio.

Um sentimento altruistico, o amor da patria unira para sempre os 2 inimigos da antiguidade; um sentimento egoistico, o amor do eu, desunira para sempre os 2 amigos da actualidade».

Quando o meu collega acabou de relutar este facto que venho de reproduzir, ainda chovia e fazia frio.

Apagou-se a fogueira da prosa. Fomos para os leitos aquecer nos cobertores de lã os nossos corpos, e, com uma reminiscencia agradável do passado, com uma recordação amena dos lares, acalorar as nossas almas que haviam ficado frias, muito frias e isoladas com a historia de nosso companheiro.

Essa historia cahira sobre nós e sobre a fogueira de nossa palestra como uma chuva fina, percuciente e glacial...

GONZAGA DE ARRUDA.

## Pelo Divorcio

Renova-se a campanha legislativa em favor do divorcio, ainda desta vez iniciada pelo Dr. Erico Coêlho.

Não é, pois sem tempo e sem proposito que nos apressamos em vir trazer o nosso apoio ao distincto deputado pelo Districto Federal, cujo convencimento stoico e dedicação extraordinaria em prol d'aquella idéa, fazem-se dignos da nossa admiração e applausos.

Chegamos exactamente ao momento psychologico da questão, o que torna necessario o conhecimento das opiniões

Remontando nos ás primitivas éras, estudando o divorcio em suas diversas phases, em suas multiplas e cahoticas modificações atravez do tempo e do espaço, investigando a Historia, acompanhando a sociedade na sua marcha evolutiva e productora, forçosamente chegaremos á logica conclusão de que elle é um facto natural e intuitivo, palpitantemente necessario ao progresso e desenvolvimento da humanidade.

E, ante a rudeza dos acontecimentos, em presença d'esse desencadeamento intermino e monstruoso dos ignobeis espectaculos que a sociedade hodierna nos apresenta, mais arraigada, melhor accentuada vai ficando esta convicção no nosso espirito.

Não se diga, porém, que concebemos e aceitamos a lei do divorcio tal como foi nos seus primeiros tempos— Isto veria tornar miseravel e aviltante a condição da mulher, despedaçando os laços da familia, e pervertendo os costumes da sociedade.

Queremol-a em termos, com restricções, como simples garantia á honra e á liberdade conjugal.

Colocado o divorcio no campo da philosophia juridica, torna-se elle uma questão muitissimo debatida e melindrosa, valentemente sustentada e guereada por adeptos de differentes escholas, entre os quaes grande numero daquelles que o condemnam reconhece os inconvenientes da indissolubilidade matrimonial para certos casos.

Assim, pois, altamente injusta, inteiramente inaceitavel é a luta, a terrivel luta, que lhe levanta a Igreja actual, não enxergando-lhe uma unica parte invulneravel, um só principio verdadeiro, quando,—creio assim poder exprimir-me,—nada ha feito para merecer este direito.

A celebre phrase *quod Deus conjunxit homo non separet*, jamais foi fielmente observada pelos homens do concilio de Trento; e senão vejamos:

« Luiz VII, de França, casado com Leonor de Aquino, obteve do Papa Estevão III a annullação do seu casamento e desposou Constança de Castella, emquanto sua primitiva mulher contrahia matrimonio com Henrique de Normandia.

Ladisláo Durazzo, rei de Napojes por sua esposa Constança Chiaramonte, repudiou-a com o consentimento do Papa Bonifacio IX, e casou-a com o proprio eriado.

Vladisláo, rei da Bohemia casado com Beatriz de Aragão, rainha de Hungria, repudiou-a conservando-lhe o reino, com o consentimento de Alexandre VI.

Este mesmo Papa Alexandre VI, diz Dumas Filho, vendeu a Luiz XII, de França a licença de repudiar Joanna, filha de Luiz XI e irmã de Carlos VII, para casar-se com a viuva deste ultimo, Anna de Bretanha.

Henrique IV, de França, repudiou Margarida de Valois para casar, sempre com o consentimento do Papa, com Maria de Medicis» (Pardal Mallet, *Pelo Divorcio*, fl. 45).

Poderíamos, se não julgássemos enfadonho, levar muito mais longe esta enumeração, que se tornaria infinita desde que nos desposéssemos a esmerilhar as primeiras epochas da christandade, e a fallar dos innumerados casos de que o Vaticano não nos dá estatística. Mas, já a concluir, basta que reformemos as nossas palavras transcrevendo a seguinte lei formulada pelo Christo, na qual claramente se vê que o meigo confraternizador da humanidade apresentava a dissolubilidade do casamento como uma pena correctiva da infidelidade conjugal: «Em verdade vos digo que todo aquelle que separar de si sua mulher, *excepto o caso de adulterio*, e tomar outra é adulterio; e todo aquelle que tomar a que foi repudiada é adulterio.» Math, XIX, 9—uas Cartas Encyclicas de Leão XIII, p. 61).

Nos paizes onde o dogma religioso, diz Odilon Barrot, constituindo lei, estabeleceu em absoluto a indissolubilidade do matrimonio, o casamento por uma reacção inevitavel da natureza

contra o despotismo da lei, tornou-se quasi nominal, e uniões illegitimas ahi se apoderaram do que elle tinha de real e serio.»

Eis ahi o que devemos procurar evitar, creando a instituição do divorcio, cuja ausencia é uma lacuna na legislação de nossa patria, que não tem religião d' Estado, que adoptou o casamento civil, e que, portanto, deve garantir o livre dominio da consciencia.

HEITOR C. BRANCO.

## Chronica

—Quando um grupo de nossos collegas accordaram fundar um sociedade com o fim de publicar um jornal e por esse meio dar expansão as nossas lucubrações mal pensavamos que a idéa vencesse as escabrosidades do caminho e completasse o seu primeiro anno de vida, tal a laxidão e falta de estimulo.

O ensino livre foi como uma estofa que abafou o espirito academico tornando-o insensivel a bella solidariedade dos outros tempos, fez de cada estudante um *touriste* só encontrando-se enquanto duravam os exames, o oasis no adusto deserto do curso, e depois sahiam da Academia sem conhecer o forte laço que prende os moços quando iniciam os seus surtos pelo dominio da litteratura e da sciencia.

Epocha nova surge para a vida da Academia com o ensino obrigatorio, por isso que os vinculos de colleguismo se estreitam ao mesmo tempo que se une o elo dessa brilhante cadeia tradicional que um militar na febre de tudo innovar havia cortado.

A data de hoje celebre na historia franceza por esse acto de desespero d'um povo opprimido que esborôa a rocha escarpada do despotismo e busca o ar livre da liberdade, é para o *Congresso Academico* motivo de intimas alegrias, pois que completa um anno de existencia, apesar dos ventos desencadeados que lhe querem impedir a placida marcha proveitosa.

Tendo dado cumprimento ao seu programma na altura que soe collocar o nome academico, precisamos enviar esforços para que a corrente de actividade em prol da boa causa se avolume e o estimulo ao trabalho cresca virente e forte.

Eia! todos unidos no mesmo sodalicio intellectual communguemos a hostia melliflua das idéas para que o *Congresso Academico* veja reproduzir-se muitas vezes a aurea data de sua fundação; vistamos a chlamyde de batalhadores entusiasticos; banhemo-nos na coruscante luz brilhante do estudo, porque só deste modo poderemos accumular elementos solidos para os prelios do futuro.

Para solemnizar o anniversario do *Congresso* damos o retrato do nosso illustre mestre Dr. Clovis Bevilacqua que tem honrado as nossas columnas com

sua brilhante collaboração ao mesmo tempo que patenteamos a nossa admiração pelos seus dotes intellectuaes.

— Directoria do Congresso Academico eleita para o anno de 1897:

Presidente—Fausto Botelho.

1º Vice-Presidente—Alvaro Ottoni do Amaral.

2º Vice-Presidente—Gonzaga d'Ar-ruda.

1º Secretario—Henrique Couto,

2º Secretario—Irineu Leitão.

Adjunto de Secretario—Abdias Neves.

Orador—Araujo Costa.

Vice-Orador—Heitor Castello Branco

Thesoureiro—Agripino Nogueira Lima.

Commissão de syndicancia—Flavio Baptista, Targino Filho, Geroncio de Carvalho.

Commissão de policia—Gregorio de Barros, Sergio Paes Barretto, Correia da Silva Filho e Miguel Rosa.

Commissão de presos pobres—Eurico Carneiro, Soriano de Albuquerque, Gonçalves Costa, Bento Bandeira, e Augusto Cavalcanti.

Commissão de Redacção—Gaspar Menezes, Rodrigo Costa, Newton Burlamaqui, Augusto Aristheu, Laudelino Baptista, e Paulo Amaral.

Os cargos de procurador e bibliothecario estão vagos porque ainda não se procedeu a eleição.

—A redacção do Congresso Academico foi distinguida com o Diploma de socia honoraria do Club Litterario e Progressista de Sant' Anna de S. João Acima, Minas Geraes. O Diploma tem a data de 1 de Outubro de 1896, mas devido a demora no correio só nos chegou ás mãos em fins de Dezembro do anno passado por esse motivo não accusamos o recebimento em o nosso ultimo numero de Dezembro. Entretanto cumprimos agora o grato dever, si bem que tardio, de agradecer a essa illustre aggremação litteraria a subida honra com que nos distinguiu, promettendo enviar a nossa modesta folha á sua bibliotheca.

—A Commissão de theses composta dos Srs. Rodrigo Costa, Mello Cahú e Gaspar Menezes apresentou as seguintes: 1ª Qual o melhor systema de classificação de cousas? 2ª O Direito Commercial é autonomo ou um direito de excepção? 3ª Apena de morte é compativel com o nosso actual estado de civilisação? 4ª As penas perpetuas só se justificavam quando succedanea da pena capital? 5ª A mulher perante o Direito Criminal tem a mesma responsabilidade que o homem? 6ª A propriedade intellectual é um direito real?

Foram sorteados para dissertarem a primeira o Sr. Henrique Couto e a segunda o Sr. Soriano de Albuquerque

Em sessão de 10 deste mez leram os seus trabalhos que foram muito applaudidos e enviados á commissão de theses para dar parecer.

## LUZ E SOMBRAS

Minh'alma é triste, como a ogiva esguia,  
Que ás ermas noites merencoria espia  
Fremente o mar deserto  
Ao largo e longe!.. sem baixel, sem vellas  
Sob os nimbus de um céu ermo de estrellas  
Que ás sombras se hão coberto!

E da tristeza nos feras escombros,  
Ella se estorce n'um zurzir de assombros  
Apavorada e só,  
Qual muribundo, que ao deixar a vida  
Presente n'alma a luz esvaecida  
Se transformar em pó.

Nos estos do delirio os pensamentos  
Rompem na furia de chacaes sedentos  
A mente a polluir...  
— Nem mais lhe importam luz, ou crença, ou esp'ranças,  
Mas um cypreste esguio, cujas franças  
Pranteem-lhe o dormir!

Um cypreste!... Quem guarda o tronco annoso?!  
E de susto n'um espasmo tenebroso  
Se esgueira e quer viver!  
Embora um só momento, enquanto abrigo  
Encontre aos ossos n'um melhor jazigo,  
Que os guarde sem perder!

Eburneo esquife, balsamos, jueundas  
Marmoreas campas, das voragens fundas  
Do tempo guardarão...  
Jámais!... farão-lh' os lategos medonhos  
Do cataclysmo a rigidez em sonhos  
De pó que voarão!

A gloria!—E' a barca ethereal, bemdita,  
Que leva o ser no albor d'essa infinita  
Plaga dos ideaes!  
Oh! nunca!—A humanidade é o mar, tem raias,  
Em circ'lo as ondas vão morrer-lhe ás praias  
De inertes areiaes!

A virtude!.. a virtude!—suas plumages  
No azul se expandirão! Nem ha voragens  
Que o possam impedir!  
Deus! oh!.. Deus, esse ramo onde descansam  
Quantas vezes as crenças, que balançam  
O veem se esvaír!

E que torvo lutar! flebil de anceios,  
De joelhos minh'alma olha os torneios  
Da crença e da razão!  
E enquanto uma lhe diz: o abysmo!.. o nada!  
Proclama a outra um riso de alvorada  
Em meio a cerração!

E a vida, a morte, em luridos assombros  
Prosternam-se!.. e na poeira dos escombros  
Nem uma luz siquer!  
Estremeço!.. e dos nimbus da procella  
Como um riso de Deus, nitida estrella  
Me incende—és tu, mulher!

Humilde a leiva, debruçadas campas,  
Gloria, virtude, são funereas lampas  
N'um dedalo de horror...  
Do anceio á chama nos delirios d'alma,  
Só não desmaia florescente, em calma  
Um ideal—o amor!

Recife, 6 de Abril de 97.

AUGUSTO MEIRA.

## Tarde de inverno

Ao crepusc'lo da tarde o céu se esfuma  
Sobre a cidade triste e somnolenta:  
Contra o recife os vagalhões rebenta  
O mar, em frocos de alvacenta espuma.

Ao longe, o bando de encurvada pluma,  
Que presagia os ventos e a tormenta,  
Adeja sobre a téla pardacenta  
Do invio horisonte, em que recresce a bruma.

E a tristeza da luz que apaga a vida  
Ao dia, que esmorece lentamente,  
Mais se accentúa, vaga, indefinida.

Brilha na enseada a lampada fulgente,  
E a Veneza do Norte, adormecida,  
Repousa a fluctuar sobre a corrente.

AUGUSTO CAVALCANTI.

## Carta aberta

Minha Senhora,

Escute: em mim nem uma veia  
distilla sangue azul: bem vê que não sou nobre,  
nem armas uso: creia!  
No entanto ousou esquecer a minha origem pobre,  
que aliás é muito honesta,  
para saudar a noite esplendorosa e calma,  
em que Vossa Excellencia, fôres sobre a testa,  
recebe por marido, ante o Estado e Igreja,  
o poeta que a deseja  
e eleito de su'alma.

Esou tão desazado  
que nem ao menos calço a luva de pellica...  
Meu corpo atravancado  
até sem geito fica  
quando *envergo* a casaca, e faço um duplo esforço  
para entrar n'um salão repleto e illuminado...

E dóe-me tanto o peito e dóe-me tanto o dorso  
n'essa infeliz manobra,  
que até prendo a attenção da gente *du grand mond*,  
que tem razão de s'obra  
de chamar-me tapuia,  
com ares de janota e fumos de visconde.

Assim, minha Senhora, eu sou bem comparado,  
um judas *prucicado*,  
aos gritos festivaes de esplendida alleluia...

Por isso, d'aqui mesmo, eu felicito-a, rindo,  
como se abí me achasse em sua gorda ceia;  
e até penso no instante, n'esse instante lindo,  
em que Vossa Excellencia diz «eu quero», creia!

AUGUSTO ARISTHEU.

## EXPEDIENTE

Temos em nossa banca de trabalho os artigos dos nossos collegas Araujo Costa, Soriano de Albuquerque, Henrique Couto e Abdias Neves que, por falta de espaço, ficam adiados para o proximo numero do *Congresso Academico*.

Outrosim, deixamos de accusar o recebimento dos jornaes e revistas que permutam connosco, o que o faremos por essa occasião.